



Gustavo Hideki Okane

CURSO – ENGENHARIA QUÍMICA/USP

“Não negligenciem os estudos nunca, estudar bastante desde os primeiros anos faz toda a diferença”

Gustavo está terminando o curso de Engenharia Química na Poli. Nesta entrevista ele fala sobre seu curso, estágios e sobre o modelo que seu curso tem. Atualmente, ele está migrando para a área de Programação e pretende aprimorar-se nela.

JC – Quando se deu sua escolha pela Engenharia Química?

Gustavo – Foi perto das inscrições para os vestibulares. Na Feira de Profissões do Etapa, conversando com o pessoal, entre todas as Engenharias, a Engenharia Química acabou sendo a mais atrativa por seu sistema quadrimestral, que parecia que me daria oportunidade de estagiar em diversos lugares, para poder experimentar coisas diferentes. Mais do que a Engenharia Química, o formato quadrimestral me atraiu bastante.

Na época do Etapa você participou de alguma atividade extracurricular?

Nos dois primeiros anos eu participava de várias aulas de Olimpíadas: de Matemática, Física, Química. Cheguei a ir em algumas aulas da Olimpíada de Biologia também. Participava do grupo de RPG e também participei do curso de Robótica. Das competições de Matemática e Física eu sempre participava, não tinha tanto foco em ganhar, mas cheguei a ganhar algumas medalhas, inclusive na de Química.

Qual foi a importância de ter participado dessas atividades?

Eu sou muito curioso e, hoje, quando lembro das aulas, acho que foi muito legal. Também levo muitas amizades que fiz frequentando essas aulas.

De modo geral, quais matérias você teve em cada ano da faculdade?

Nos dois primeiros anos são as matérias mais básicas, como Cálculo, Física, Álgebra Linear, Estatística, Representação Gráfica para Projeto, Introdução à Computação. Tem também algumas matérias específicas, como Introdução à Engenharia Química, Química Orgânica e Inorgânica. A partir do 3º ano a gente começa a ver coisas mais voltadas para a Engenharia Química, por exemplo, Fenômenos de Transporte, Termodinâmica, Operações Unitárias. E tem algumas outras da Poli em geral também, como Economia e Administração. No último ano a gente vê mais a questão dos projetos, com algumas matérias de gestão de projetos.

Em algum momento você chegou a pensar em mudar de curso?

Acabei descobrindo que o curso de Engenharia Química na verdade é um curso de Engenharia de Processos. Na época isso me deixou um pouco perdido, e notei que não tinha tanto a ver com Química. Mas continuei, por não ter outra área para seguir e também por causa dos amigos que eu já tinha feito lá.

ENTREVISTA

Carreira – Engenharia Química

1

ARTIGO

Nise da Silveira – Afeto e loucura

5

CONTO

A Aia – Eça de Queirós

3

ESPECIAL

VI Simula Etapa tem recorde de participação

7

Foi nos estágios que você se encontrou?

Sim. Na Engenharia Química tem os estágios obrigatórios. Consegui passar em uma grande empresa de Engenharia Química, mas por conta do modelo de contrato da Poli eles não deram continuidade. Como alternativa acabei encontrando a empresa em que trabalho como desenvolvedor. Gostei e estou lá até hoje. Temos diversos dados sobre ativos diferentes e várias ferramentas para analisar esses dados. É uma empresa que foi fundada por um professor da USP.

No seu modelo de curso, após esse quadrimestre de estágio voltam as aulas. Mesmo voltando às aulas, você continuou estagiando?

Fiquei por lá em tempo integral desde o primeiro estágio. Estou lá há três anos.

Como funciona a questão do curso quadrimestral?

Os dois primeiros anos são semestrais. O 3º ano começa com dois quadrimestres de aula, depois um de estágio, e depois vai intercalando. No 5º ano é um quadrimestre de aula e dois de estágio seguidos.

Então agora você não tem mais aula na Poli?

Tenho só as dependências.

Em teoria, o quadrimestre de aula precisa ser exclusivo de aulas?

Na verdade, no quadrimestre de aulas você pode assinar um contrato de até 12 horas por semana, mas eu trabalhava muito mais do que isso.

No último ano, que é um quadrimestre de aula e dois de estágio, você tem que fazer o TCC também?

O TCC é feito em duas partes. A primeira parte a gente faz no 1º módulo de estágio do 4º ano. A segunda parte é feita no 1º módulo de estágio do 5º ano.

Você já entregou?

Sim. A única coisa que falta para mim são matérias da Engenharia Química mesmo. Meu TCC foi justamente sobre a dificuldade de os alunos conseguirem estágio na área da Engenharia Química, e poucos trabalham com Engenharia Química de fato após se formar.

Você tem ideia de qual é o percentual de estudantes de Engenharia Química da Poli que conseguem trabalhar na área?

Acho que menos de 25% do total de formados.

Qual é a sua preocupação agora em relação ao seu futuro profissional?

Eu já tenho uma boa estabilidade na minha carreira como desenvolvedor. Não tenho nenhuma preocupação em termos de mercado. Meu foco hoje é aprender mais sobre a minha área e seguir nessa carreira mesmo.

Quando foi seu primeiro contato com Programação?

Foi justamente no Etapa, nas aulas de Robótica. Eu me lembro de ter pensado: “Programação é legal, mas acho que nunca vou trabalhar com isso”. No final das contas estou trabalhando nessa área hoje.

Você pretende, depois de formado, fazer algum curso na área de Programação?

Não, no momento não penso em fazer nenhum curso, talvez no futuro. No momento, o que consigo aprender pela internet já é o suficiente para seguir na carreira.

Com relação à Engenharia em geral, como está a questão da empregabilidade? Como estão seus colegas?

Do meu grupo de amigos da Poli, vários deles foram fazer duplo diploma. Voltaram recentemente e tiveram dificuldade em relação à burocracia da Poli. Mas agora todos estão bem encaminhados com estágios, tendo bons resultados e boas perspectivas de serem efetivados.

O engenheiro químico pode atuar em quais áreas?

Pode trabalhar em diversas áreas das empresas de Engenharia Química, tanto como analista, engenheiro, ou até mesmo em *marketing* relacionado à área. O campo de atuação é bem versátil, dá para trabalhar com bastante coisa. No setor bancário também têm diversas oportunidades para os engenheiros.

Como você se imagina daqui a alguns anos?

Tenho planos de me mudar para o exterior para trabalhar com Programação.

Das atividades extracurriculares do Etapa, qual se mostrou mais útil para você?

Todas as aulas de olimpíadas que eu fazia. Às vezes parecia que não tinham nada a ver com o programa básico, e podiam parecer perda de tempo, mas elas me ajudaram bastante, especialmente nos primeiros anos da Poli. Principalmente as aulas das Olimpíadas de Física.

Quais lembranças marcaram o período que você passou no Etapa?

Principalmente as amizades que fiz no colégio. Hoje moro com dois amigos que conheci no Etapa.

Onde você mora atualmente?

Moro ao lado do Hospital das Clínicas, porque um dos meus amigos que moram comigo faz faculdade de Medicina na USP Pinheiros. Inclusive ele também deu entrevista para o jornal.

Como está sendo na Poli nesta época da pandemia?

A Poli para mim está sendo melhor, principalmente por conta da flexibilização dos horários. Não preciso acordar duas horas antes para me deslocar até lá e ter aula. Posso acordar, tomar meu café e assistir a aula tranquilamente.

Para mim, que estou apenas cumprindo dependências e trabalhando, tem sido muito bom. Imagino que para o pessoal que entrou nesses tempos seja diferente. Eles conseguem aprender, mas acabam perdendo muito das experiências da faculdade em si.

O que você diria para os alunos atuais do colégio que pretendem prestar Poli?

Para o pessoal que está no 3º ano agora, tempos melhores estão chegando, as coisas vão voltar ao normal,

não se preocupem com isso. A gente sempre acaba dando um jeito, então foquem nos estudos que vai dar certo, preocupem-se menos com a questão da pandemia e mantenham o foco nos estudos, que vai dar certo.

Você gostaria de dizer mais alguma coisa para os nossos alunos?

Aproveitem os anos do Etapa. Não negligenciem os estudos nunca, estudar bastante desde os primeiros anos faz toda a diferença para o seu 3º ano ser mais fácil.

CONTO

A Aia Eça de Queirós

Era uma vez um rei, moço e valente, senhor de um reino abundante em cidades e searas, que partira a batalhar por terras distantes, deixando solitária e triste a sua rainha e um filhinho, que ainda vivia no seu berço, dentro das suas faixas.

A lua cheia que o vira marchar, levado no seu sonho de conquista e de fama, começava a minguar, quando um dos seus cavaleiros apareceu, com as armas rotas, negro do sangue seco e do pó dos caminhos, trazendo a amarga nova de uma batalha perdida e da morte do rei, trespassado por sete lanças entre a flor da sua nobreza, à beira de um grande rio.

A rainha chorou magnificamente o rei. Chorou ainda desoladamente o esposo, que era formoso e alegre. Mas, sobretudo, chorou ansiosamente o pai, que assim deixava o filhinho desamparado, no meio de tantos inimigos da sua frágil vida e do reino que seria seu, sem um braço que o defendesse, forte pela força e forte pelo amor.

Desses inimigos o mais temeroso era seu tio, irmão bastardo do rei, homem depravado e bravo; consumido de coibiças grosseiras, desejando só a realeza por causa dos seus tesouros, e que havia anos vivia num castelo sobre os montes, com uma horda de rebeldes, à maneira de um lobo que, de atalaia no seu fojo, espera a presa. Ai! a presa agora era aquela criancinha, rei de mama, senhor de tantas províncias, e que dormia no seu berço com seu guizo de ouro fechado na mão!

Ao lado dele, outro menino dormia noutra berço. Mas era um escravozinho, filho da bela e robusta escrava que amamentava o príncipe. Ambos tinham nascido na mesma noite de verão. O mesmo seio os criara. Quando a rainha, antes de adormecer, vinha beijar o príncipezinho, que tinha o cabelo louro e fino, beijava também, por amor dele, o escravozinho, que tinha o cabelo negro e crespo. Os olhos de ambos reluziam como pedras preciosas. Somente o berço de um era magnífico, de marfim entre brocados, e o berço de outro, pobre e

de verga. A leal escrava, porém, a ambos cercava de carinho igual, porque, se um era o seu filho, o outro seria o seu rei.

Nascida naquela casa real, ela tinha a paixão, a religião dos seus senhores. Nenhum pranto correria mais sentidamente do que o seu pelo rei morto à beira do grande rio. Pertencia, porém, a uma raça que acredita que a vida da terra se continua no céu. O rei, seu amo, decerto, já estaria agora reinando em outro reino, para além das nuvens, abundante também em searas e cidades. O seu cavalo de batalha, as suas armas, os seus pajens tinham subido com ele às alturas. Os seus vassallos, que fossem morrendo, prontamente iriam, nesse reino celeste, retomar em torno dele a sua vassalagem. E ela, um dia, por seu turno, remontaria num raio de lua a habitar o palácio do seu senhor, e a fiar de novo o linho das suas túnicas, e a acender de novo a caçoleta dos seus perfumes; seria no céu como fora na terra, e feliz na sua servidão.

Todavia, também ela tremia pelo seu príncipezinho! Quantas vezes, com ele pendurado do peito, pensava na sua fragilidade, na sua longa infância, nos anos lentos que correriam, antes que ele fosse ao menos do tamanho de uma espada, e naquele tio cruel, de face mais escura que a noite e coração mais escuro que a face, faminto do trono, e espreitando de cima do seu rochedo entre os alfanjes da sua borda! Pobre príncipezinho da sua alma! Com uma ternura maior o apertava nos braços. Mas o seu filho chorava ao lado, era para ele que os seus braços corriam com um ardor mais feliz. Esse, na sua indignância, nada tinha a recear a vida. Desgraças, assaltos da sorte má nunca o poderiam deixar mais despido das glórias e bens do mundo do que já estava ali no seu berço, sob o pedaço de linho branco que resguardava a sua nudez. A existência, na verdade, era para ele mais preciosa e digna de ser conservada que a do seu príncipe, porque nenhum dos duros cuidados com que ela enegrece a alma dos senhores roçaria sequer a sua alma livre e simples de escravo. E, como se o amasse mais por